

Título

Ajustamento da intervenção profissional do treinador de natação nas aulas de adaptação ao meio aquático em crianças face à situação de pandemia Covid19

Adjustment of professional intervention in children's swimming lessons in face of the pandemic situation Covid19

Adecuación de la intervención profesional del profesor de natación en las clases de adaptación al medio acuático en niños ante la situación pandémica Covid19

Título

Ajustamento da intervenção profissional do treinador de natação nas aulas de adaptação ao meio aquático em crianças face à situação de pandemia Covid19

Título abreviado

Ajustamento aulas de natação crianças Covid-19

Resumo

No contexto que se vive atualmente, surgiu a necessidade de adaptação das práticas desportivas, num curto espaço de tempo, a regras de segurança para controlo da disseminação da pandemia de COVID-19. Neste sentido, pretende-se com este estudo reunir e analisar informações e resultados relativamente àquelas que foram as adaptações necessárias nas aulas de Adaptação ao Meio Aquático (AMA) para crianças. Foi criado um questionário (*Google Forms Survey*), divulgado aos professores de natação. Recebemos 86 questionários válidos que integram a nossa amostra. De acordo com os resultados obtidos podemos verificar que 37,2% dos professores/as usam viseira na água e 68,6% usam máscara. De notar ainda que pouco mais de 30% fez adaptações ao nível do plano da aula e que 15,1% dos professores não utilizam material didático. No que diz respeito à necessidade de distanciamento entre professor/aluno e entre alunos, 38% dos inquiridos afirmaram que passaram a dar a aula fora de água, e os restantes que permanecem na água indicam que tentam evitar o toque ou mesmo manter os alunos separados e fazer trabalho individualizado. Julgamos necessário e pertinente o acompanhamento e monitorização das consequências que estas adaptações e ajustes poderão ter no desenvolvimento e aquisição da competência aquática das crianças.

Palavras-chave: covid-19, crianças, natação

Title

Adjustment of professional intervention in children's swimming lessons in face of the pandemic situation Covid19

Abbreviated Title

Adjustments in children's swimming lessons due to Covid-19

Abstract

In the current pandemic context, the need to adapt sports practices to safety rules to control the spread of the COVID-19 has emerged in a short period of time. The aim of this study is to gather and analyze information and results in relation to the necessary adjustments in swimming lessons for children. A questionnaire (*Google Forms Survey*) was created and made available to swimming teachers. We received 86 valid questionnaires that are part of our sample. According to the results, 37.2% of teachers wear a visor in water and 68.6% wear a mask. It should also be noted that over 30% made adjustments in lessons plans and 15.1% of teachers do not work with didactic material. With regard to the need for distance between teacher/student and between students, 38% said that they started to teach the class out of water, and the rest who remain in the water indicated that they try to avoid touching or even keep students apart and do individual work. We believe it is necessary and pertinent to monitor the consequences that these adjustments may have on the development and acquisition of children's aquatic readiness.

Key words: Covid-19, children, swimming

Título

Adecuación de la intervención profesional del profesor de natación en las clases de adaptación al medio acuático en niños ante la situación pandémica Covid19

Título corto

Ajuste de las clases de natación para niños debido a Covid-19

Resumen

En el contexto actual, la necesidad de adaptar las prácticas deportivas a las normas de seguridad para controlar la propagación de la pandemia COVID-19 ha surgido en un corto período de tiempo. En este sentido, el objetivo de este estudio es recopilar y analizar información y resultados en relación a las adaptaciones necesarias en las clases de natación para niños. Se creó un cuestionario (*Google Forms Survey*) y se puso a disposición de los profesores de natación. Recibimos 86 cuestionarios válidos que forman parte de nuestra muestra. De acuerdo con los resultados obtenidos, podemos ver que el 37,2% de los profesores lleva visera en agua y el 68,6% usa máscara. Cabe destacar, además, que más del 30% realizó ajustes al nivel del plan de clase y que el 15,1% de los profesores no utiliza material didáctico. En cuanto a la necesidad de distanciamiento entre profesor / alumno y entre alumnos, 38% afirmó que empezó a impartir la clase fuera del agua y los que permanecen en el agua indican que intentan evitar tocar o incluso retener a los alumnos aparte y hacer trabajo individual. Creemos que es necesario y pertinente acompañar y monitorear las consecuencias que estas adaptaciones y ajustes puedan tener en el desarrollo y adquisición de la competencia acuática de los niños.

Palabras-clave: Covid-19, niños, natación

Introdução

No contexto que se vive atualmente, surgiu a necessidade de adaptação das práticas desportivas, num curto espaço de tempo, a regras de segurança para controlo da disseminação da pandemia de COVID-19. Neste sentido, pretende-se com este trabalho reunir e analisar informações e resultados relativamente àquelas que foram as adaptações necessárias nas aulas de Adaptação ao Meio Aquático (AMA) para crianças em idade pré-escolar e escolar (dos 4 aos 8-9 anos). Pretende-se averiguar a forma de lecionação destas sessões perante este cenário, assim como a viabilidade deste tipo de aulas e o possível impacto resultante das alterações propostas. De acordo com Howley (2020), não existe evidência da possibilidade de transmissão do vírus em piscinas. Acredita-se que com manutenção e higienização adequada da água, o vírus seja desativado ou mesmo totalmente removido. Num estudo sobre a persistência do coronavírus na água (La Rosa et al., 2020) foram encontradas evidências da instabilidade do vírus na água e da pouca resistência a oxidantes, como é o caso do cloro. Questões de segurança relacionadas com a utilização das piscinas surgiram durante o confinamento, aumentando as preocupações sobre como e quando reabrir piscinas e como otimizar a sua gestão enquanto o Covid-19 circula na população. Vários foram os autores e instituições nacionais e mundiais que discutiram e resumiram algumas indicações para uma abordagem preventiva adequada (Spica, VR, 2020; CDC 2020; FPN 2020). Apesar de não haver indicação de que, devido aos químicos existentes na água da piscina, o vírus possa ser transmitido através da mesma, a transmissão por via aérea é possível, pelo que é de grande importância manter o cumprimento das normas e recomendações feitas pela Direção Geral de Saúde (DGS), no que toca ao distanciamento e/ou utilização de máscara ou viseira. No que diz respeito à utilização das máscaras, ao distanciamento e isolamento necessários, permanece alguma preocupação, relativamente aos sentimentos de solidão por falta de conexão real com outras pessoas. É preocupante o facto de ficar a faltar às crianças alguma conexão emocional com o professor, pela falta do sorriso e das expressões faciais normais que transmitem segurança e calma, visto que agora estão tapadas e escondidas pelas máscaras. Os movimentos da boca são muito importantes para a compreensão da informação transmitida, principalmente em ambientes onde há ruído de fundo, como podemos considerar o caso das piscinas. Ainda que alguns autores, como Katz e Hadani (2020), já vão apresentando algumas recomendações de como ajudar as crianças a aceitar e compreender melhor as expressões por detrás da máscara, só com algum tempo perceberemos o impacto que isto terá, não só na educação em geral, mas também no desenvolvimento socioemocional das crianças. Segundo Barbosa e Queirós (2004) na proposta de progressão pedagógica para a adaptação ao meio aquático, a manipulação, que consiste em manter uma relação de interação entre o aluno, entre o aluno e professor ou entre um ou vários objetos (Moreno e Sanmartín, 1998), é um elemento importante para o desenvolvimento do aluno. Num estudo sobre o desenvolvimento da competência aquática em crianças em idade pré-escolar em água rasa e água profunda realizado por Costa AM *et al* (2012), os investigadores apontam para vários fatores que influenciam diretamente na organização do ensino e, portanto, determinam sua eficácia (Zuo, 2004). Segundo alguns autores, os principais fatores são (Murray, 1980; Langendorfer, 2010): (i) o número de crianças na classe, que geralmente não ultrapassa

as 10 crianças na fase inicial; (ii) o material didático, que permite uma variação dos estímulos; (iii) a temperatura da água, que deve variar entre 30° a 32° C; (iv) o número de aulas por semana, geralmente 2 vezes por semana nas idades de 3 a 6 anos e; (v) a profundidade da água, permitindo uma grande variedade de experiências aquáticas.

Metodologia

De forma a obter informações que nos permitam analisar as adaptações que os treinadores de natação tiveram de realizar nas suas sessões de AMA foi realizado um questionário simples e uniforme composto por 9 questões dicotómicas com possibilidade de explicação breve em 3 delas (questões número 4, 5 e 6), que visam obter informação objetiva sobre a utilização de equipamento de proteção individual que os treinadores utilizam nas suas aulas e aferir se procederam a adaptações relativas às questões de distanciamento social. O questionário foi apresentado em plataforma digital (*Google Forms Survey*). Foi critério de inclusão na amostra deste estudo os treinadores de natação que lecionavam aulas de AMA em escolas de natação, cumulativamente, no período pré e no período pós confinamento e reabertura das piscinas, pelo que o questionário foi aplicado durante o mês de novembro 2020. A base de dados utilizada (contacto de email) para distribuição destes questionários aos treinadores foi determinada pela: i) rede de contactos dos investigadores; ii) colaboração da Associação de classe que representa os treinadores e iii) colaboração das entidades aderentes ao programa Portugal a Nadar. Desta forma garantimos o cumprimento das normas de segurança e distanciamento e tentamos abranger o maior número possível de profissionais desta área, aumentando a possibilidade de resposta. Os treinadores inquiridos são oriundos de diversas zonas do país e trabalham em piscinas com condições e dimensões distintas. Este estudo foi conduzido de acordo com a Declaração de Helsínquia e respeita as normas relativas à proteção de dados. Recebemos 86 questionários válidos que integram a nossa amostra.

Resultados

Na primeira pergunta do questionário (*o professor realiza as sessões dentro ou fora de água?*) 38% dos 86 treinadores indicaram que lecionam estas sessões fora de água. A estes não foi possibilitada a continuidade nas restantes respostas ao questionário, mas fica a nota deste valor enquanto adaptação por si só às novas condições de prática. De acordo com os resultados obtidos podemos verificar através da Tabela 1 que mais de 60% dos professores/as usam viseira nas aulas e perto de 70% usa máscara. Este resultado pode dever-se ao facto de que a máscara é mais prática e pode causar uma menor dificuldade na transmissão de informação e projeção de voz que a viseira. A viseira pode causar maiores obstruções à visão, devido ao facto de ficar coberta por gotas de água, para além de que pode representar um maior obstáculo na aproximação e contacto com as crianças. Por outro lado, as viseiras permitem visibilidade da totalidade da face do professor, fator importante na dinâmica destas aulas. O facto de a percentagem de utilização da máscara não ser mais elevada, pode estar associada ao material de que este equipamento de proteção é feito: película transparente ou tecido. Nem todas as máscaras são apropriadas para estar em meio aquático e os professores podem não ter tido acesso fácil a máscaras com estas características e especificações. De notar que uma parte reduzida (13,95%) dos professores indicou que não utiliza qualquer equipamento de proteção (máscara ou viseira) durante as aulas com as crianças na água.

Em contrapartida 14% indicaram que utilizam os dois equipamentos de proteção em simultâneo.

Tabela 1 – Resultados da análise a cada uma das respostas ao questionário, em percentagem.

	Questões	Sim	Não
1	Durante a maior parte do tempo que dura a sessão, o professor está dentro de água?	62,0%	38,0%
2	O/A professor/a dá aulas de viseira?	37,2%	62,8%
3	O/A professor/a dá aulas de máscara?	68,6%	31,4%
4	Foram feitas adaptações ao nível do distanciamento professor/aluno?	66,3%	33,7%
5	Foram feitas adaptações ao nível do distanciamento entre alunos?	75,6%	24,4%
6	Foram feitas adaptações ao nível do plano de aula?	31,4%	68,6%
7	O/A professor/a utiliza material didático?	84,9%	15,1%
8	Existe a presença dos pais a assistir às aulas?	15,1%	84,9%
9	Tem conhecimento de algum caso positivo entre os seus alunos?	18,6%	81,4%

Relativamente às adaptações de distanciamento, 75,6% dos inquiridos afirmam que tiveram de fazer adaptações ao distanciamento entre alunos e apenas 66,3% no que toca ao distanciamento entre eles próprios e os alunos. Este distanciamento é em todos os casos apontado como aquele recomendado pela DGS e algumas respostas apontam ainda para a ausência de toque/manipulação ao aluno. Alguns professores afirmam ainda que foi reduzida significativamente a quantidade de alunos por aula, que se passou a fazer um trabalho mais individualizado e que os alunos estão distribuídos ao longo das pistas, por vezes com pistas intercaladas e com idas e vindas alternadas.

Tabela 2 - Resumo das respostas abertas, relativas ao distanciamento professor-aluno, aluno-aluno e alterações ao plano de aula

Adaptações ao distanciamento e planos de aula	%
Redução do nº de aulas em simultâneo	2,3%
Redução do nº de alunos por aula	26,7%
Aumento do distanciamento	24,4%
Limitação do nº de alunos por plano de água	8,1%
Distribuição dos alunos por pistas	11,6%
Não há "manipulação" do aluno pelo professor	17,4%
Não fazem jogos/exercícios em grupo	11,6%
Trabalho unicamente individual	8,1%
Utilização apenas de material individual	1,2%
Não utilizam material didático	2,3%

A Tabela 2, alusiva às respostas sobre quais as adaptações que os professores fizeram, revela que entre os professores que afirmaram ter feito alterações aos planos de aula e ajustes de distanciamento, 17,44% deixaram de fazer manipulações, ou seja, de ter contacto físico com as crianças. Deste modo, esses professores passaram a utilizar mais o feedback verbal. Dois professores afirmaram nas suas respostas, que por não poderem prestar ajuda de forma física por vezes retiram a máscara e afastam-se para uma distância segura, de forma a se fazerem ouvir melhor e de permitir aos alunos ver as suas expressões faciais. Averiguamos ainda que 31,4% fez adaptações ao nível do plano da aula e que 15,1% dos professores não utilizam material didático. Os professores que utilizam material didático afirmam que, geralmente, o material é utilizado individualmente, sem partilha, reduzindo o tempo que os alunos passam em tarefas e em circuitos, excluindo totalmente os jogos e atividades que envolvem trabalho de grupo, para reduzir o tempo de proximidade e contacto com os materiais. Dois professores referiram ainda que foram obrigados a reduzir o número de aulas que decorrem em simultâneo, de forma a poderem dividir a piscina em espaços maiores, que permitisse o distanciamento entre os alunos.

Tabela 3 - Duração das aulas

Duração das aulas	%
30 minutos	17,4%
40 a 45 minutos	77,9%
60 minutos	4,7%

Como ilustrado na Tabela 3, perto de 80% dos treinadores indicaram que as aulas têm uma duração de 45 minutos. Ainda assim, 17,4% informam que a aula tem apenas 30 minutos, sendo que, entre estes, muitos afirmaram que foi uma redução necessária para permitir a limpeza e desinfeção do material e do professor, entre aulas. Ao contrário do que era usual em situação pré-pandemia, em mais de 80% dos casos os pais não podem assistir às aulas dos seus filhos. Muitas piscinas têm o acesso interdito à a pessoas que não estejam a praticar atividade, às bancadas e ao público em geral.

Discussão

Os 86 questionários analisados representam apenas cerca de 14,2% do universo de treinadores com Título Profissional de Treinador de Desporto (TPTD) na modalidade desportiva Natação (PORDATA, 2020). No entanto, devemos ter em conta que depois do período de confinamento muitos treinadores não puderam retomar os postos de trabalho devido ao encerramento, em muitos casos, permanente, das piscinas, impossibilitando que muitos mais treinadores pudessem fazer parte da amostra deste estudo. Na maioria dos casos existiu mesmo a necessidade de proceder à adaptação das aulas de AMA face à situação pandémica e de forma a poder continuar a oferecer estas atividades às crianças. No que diz respeito à necessidade de distanciamento entre professor/aluno e entre alunos, vários professores afirmaram que passaram a dar a aula fora de água, que têm de evitar o toque ou mesmo manter os alunos separados em pistas e fazer trabalho individualizado. O Manual de referência da Federação Portuguesa de Natação para o ensino e aperfeiçoamento técnico em natação (Barbosa et al, 2016),

refere que se deve privilegiar a realização de exercícios de AMA em grupo. Tendo em conta a diminuição do número de alunos por aula podemos considerar esta como uma das alterações fortes que as aulas de AMA sofreram devido a esta pandemia.

A não utilização de material didático nas aulas de AMA foi outro aspecto fortemente mencionado pelos professores enquanto adaptação necessária neste contexto, o que contraria a maioria da literatura (Murray JL, 1980; Langendorfer S, 2010) desta área quando indicam que o lúdico e a utilização de material inerente favorece e estimula a aprendizagem.

Aplicações Práticas

Ao longo deste estudo foi inequívoca a necessidade de adaptação. Os professores tiveram de ajustar as suas metodologias, os seus planeamentos e os seus equipamentos para que pudessem conduzir as sessões de adaptação ao meio aquático com toda a segurança que estes tempos de pandemia impõem. Estas adaptações devem ser monitorizadas e analisados eventuais efeitos secundários (mais ou menos positivos) que estes fatores terão na aprendizagem e desenvolvimento das crianças que frequentam estas aulas. Recomendamos que se investigue num futuro próximo a aquisição da competência aquática, o desenvolvimento e os resultados da aprendizagem, em crianças cujas adaptações prevalecem nestas aulas de adaptação ao meio aquático.

Agradecimentos

Os autores prestam os respectivos agradecimentos a todos os treinadores que participaram neste estudo, assim como às entidades que colaboraram facilitando o acesso aos mesmos.

Referências

Howley, E. K. (2020). Coronavirus and Swimming - What You Need To Know. Obtido de U.S Masters Swimming: <https://www.usms.org/fitness-and-training/articles-and-videos/articles/coronavirus-and-swimming-what-you-need-to-know-updated-july-2020>

La Rosa, G., Bonadonna, L., Lucentini, L., Kenmoe, S., & Suffredini, E. (Abril de 2020). Coronavirus in water environments: Occurrence, persistence and concentration methods. A scoping review. Water Research. Obtido de <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S004313542030436X>

Romano Spica, V., Gallè, F., Baldelli, G., Valeriani, F., Di Rosa, E., Liguori, G., Brandi, G., & GSMS-SItI, Working Group on Movement Sciences for Health, Italian Society of Hygiene Preventive Medicine and Public Health (2020). Swimming Pool safety and prevention at the time of Covid-19: a consensus document from GSMS-SItI. *Annali di igiene : medicina preventiva e di comunità*, 32(5), 439–448. <https://doi.org/10.7416/ai.2020.2368>

Centers for Disease Control and Prevention (CDC)(2020). Considerations for Public Pools, Hot Tubs, and Water Playgrounds During COVID- 19. Available on: <https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/community/parks-rec/ aquatic-venues.html>

Federação Portuguesa de Natação (2020). Covid-19 – Normativas a implementar no funcionamento das piscinas com vista à reabertura. Obtido de https://fpnatacao.pt/uploads/Comunicado_FPN_Nº_14-20.pdf

Katz, R., & Hadani, H. S. (2020). Are you happy or sad? How wearing face masks can impact the children's ability to read emotions. Obtido de Brookings: <https://www.brookings.edu/blog/education-plus-development/2020/04/21/are-you-happy-or-sad-how-wearing-face-masks-can-impact-childrens-ability-to-read-emotions/>

Barbosa, TM., Queirós, T (2004). Ensino da natação: uma perspectiva metodológica para a abordagem das habilidades motoras aquáticas básicas. Lisboa: Xistarca

Moreno, J., San Martín, M. (1998). Bases metodológicas para el aprendizaje de las actividades acuáticas educativas. INDE Publicaciones. Barcelona.

Costa, A. M., Marinho, D. A., Rocha, H., Silva, A. J., Barbosa, T. M., Ferreira, S. S., & Martins, M. (2012). Deep and shallow water effects on developing preschoolers' aquatic skills. *Journal of human kinetics*, 32, 211–219. <https://doi.org/10.2478/v10078-012-0037-1>

Zuo, H. (2004). Optimize swimming teaching by clearing mentality of being scared. Guangdong Communication Polytechnique.

Murray, J. (1980). *Infatuatics, teaching kids to swim*. NY: Leisure Press.

Langendorfer, S. (2010). Applying a developmental perspective to aquatics and swimming. Em P. Kjendlie, R. Stallman, & J. Cabri, *Biomedic Med Swimming XI* (pp. 20-22). Oslo: Norwegian School of Sport Sciences.

Treinadores federados: total e por algumas federações desportivas. (2020). Obtido de PORDATA: <https://www.pordata.pt/Portugal/Treinadores+federados+total+e+por+algumas+federa%C3%A7%C3%B5es+desportivas-2230-178643>

Barbosa, TM.; Costa, MJ.; Marinho, DA.; Queirós, T; Costa, AM.; Cardoso, L; Machado, J; Silva, AJ (2016). Manual de referência FPN para o ensino e aperfeiçoamento técnico em natação: versão completa. Lisboa: Federação Portuguesa de Natação. ISBN 989-95747-3-1